AINDA ESTOU AQUI – NA DIREITA

O dilema que já foi resolvido

Poucos filmes brasileiros provocaram tanta conversa nos últimos anos quanto *Ainda Estou Aqui*. Dirigido por Walter Salles e baseado no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva, o filme deu ao Brasil, em março de 2025, o seu primeiro Oscar — o de Melhor Filme Internacional[1]. Ele conta a história de Eunice Paiva, esposa do ex-deputado Rubens Paiva, que em janeiro de 1971 foi levado de casa, no Rio de Janeiro, por agentes do regime militar e nunca mais voltou. Rubens foi torturado e morto nas dependências do DOI-CODI, e o Estado passou décadas negando o que havia feito.

Sei que, para alguns leitores, começar um artigo em defesa de continuar sob o guarda-chuva da direita citando um filme sobre a vítima de um regime militar pode soar estranho — talvez até provocativo. Mas faço isso de propósito. E faço em boa companhia. Dois comunicadores cristãos que admiro, o pastor Yago Martins e o crítico Jurandir Gouveia, ambos assumidamente do campo conservador, fizeram análises elogiosas do filme quando muita gente à direita pedia boicote. Yago foi direto: "eu sou um cara de direita, conservador [...] e sou contra, por ser de direita, contra qualquer ditadura"[2]. Jurandir foi na mesma linha: "ditaduras são sempre abomináveis, sejam de direita, como aconteceu na ditadura militar, seja de esquerda, como na Venezuela, Cuba, Coreia do Norte"[3].

Guarde essa frase do Yago, porque ela já antecipa o argumento deste texto: é possível ser de direita sem defender tudo o que se fez — ou se faz — em nome da direita. Uma palavra não pertence a quem a usa pior.

Mas o que me interessa no filme, para este artigo, é outra coisa: a postura de Eunice. Diante de uma tragédia que poderia tê-la paralisado, ela permaneceu. Não fugiu, não se escondeu, não trocou de nome para escapar do estigma de ser "a mulher do subversivo". Marcelo conta que, quando fotógrafos foram à casa da família e pediram que todos fizessem cara de tristeza, Eunice decidiu o contrário: "nós vamos sorrir"[4]. Permanecer, ali, era uma forma de dizer quem eles eram, apesar de quem quisesse defini-los.

E há um detalhe que, para o que quero discutir, é ainda mais revelador. A luta da família Paiva foi, em grande medida, uma luta para *nomear corretamente um fato*. Rubens só foi reconhecido oficialmente como desaparecido em 1996; e somente em janeiro de 2025 sua certidão de óbito foi retificada para registrar o que de fato aconteceu: uma morte "não natural, violenta, causada

---

[1] SALLES, Walter (dir.). *Ainda Estou Aqui*. Brasil/França, 2024. Baseado em PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015. O filme venceu o Oscar de Melhor Filme Internacional na cerimônia de 2 de março de 2025.

[2] MARTINS, Yago. Vídeo sobre o filme *Ainda Estou Aqui* (quadro "Mundo Cópia"). YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=TkIXCKBuqZs (minutagem: 0:30 a 0:53).

[3] GOUVEIA, Jurandir. Vídeo de análise do filme *Ainda Estou Aqui*. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=KYtGbThog2g&t=1036s.

[4] PAIVA, 2015, citado por Yago Martins no vídeo mencionado (minutagem: 8:46 a 9:19). PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. Rio de Janeiro: Alfaguara, p.132 (Edição do Kindle).

pelo Estado brasileiro"[5]. Mais de cinquenta anos para que um documento chamasse a coisa pelo nome.

Palavras importam. Nomes importam. E é sobre um nome — "direita" — que quero escrever.

O dia seguinte

No último domingo, 4 de outubro de 2026, o primeiro turno das eleições presidenciais terminou assim: Flávio Bolsonaro (PL), 47,03% dos votos válidos; Lula (PT), 45,16%; Augusto Cury (Avante), 2,89%; Renan Santos (Missão), 2,24%; Ronaldo Caiado (PSD), 2,18%; Romeu Zema (Novo), 0,27%[6].

Já escrevi sobre Renan Santos e não escondo a admiração que tenho por ele — não só como candidato, mas como um dos analistas políticos mais argutos do país. Nas edições do *Análise Renais* que se seguiram ao primeiro turno, Renan fez um diagnóstico corajoso, autocrítico e, em muitos pontos, brilhante. Mas chegou a uma conclusão da qual discordo, e é dela que trata este artigo.

A conclusão, nas palavras dele, é esta: "Não dá para disputar o termo direita com eles, porque o que o brasileiro entende que é direita [...] é odiar o PT especificamente", gostar da família Bolsonaro e ter "apego à convenção"[7]. Três dias depois, foi ainda mais enfático:

> *"Ser de direita é ser bolsonarista. Não existe direita sem Bolsonaro. [...] Direita é Bolsonaro no Brasil. É como as coisas são, cara. Eu vou dar um exemplo. A gente chama no Brasil barbeador de gilete. [...] Bolsonaro é o termo corrente para definir o que é direita."*[8]

A proposta prática que decorre disso é parar de se apresentar como direita e adotar outro termo — Renan sugeriu "soberanista"[9]. Quando um espectador perguntou o que mudaria concretamente, a resposta foi: "você dizer que você não é de direita, você aceitar que você não é de direita, já é uma revolução"[10].

Quero deixar claro que muito do diagnóstico de Renan me parece correto. A ideia de que existem "chaves de validação" dentro das bolhas, a distinção entre ser *conservador* e ser apenas *convencional*, a constatação de que boa parte do que se chama de direita no Brasil é apego ao que está no centro da indústria cultural de massa — tudo isso é análise de primeira. O meu desacordo não está no diagnóstico, mas no remédio. E tenho três razões para ele.

---

[5]"Morte de Rubens Paiva foi causada pelo Estado, diz nova certidão". *Poder360*, 23 jan. 2025. A retificação, emitida pelo Cartório da Sé (SP), seguiu a Resolução nº 601/2024 do CNJ. https://www.poder360.com.br/poder-brasil/morte-de-rubens-paiva-foi-causada-pelo-estado-diz-nova-certidao/

[6]https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/6257/uf/br/cargo/1/vis/nominal/resultados

[7]SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 5 out. 2026 (minutagem aprox.: 5:40 a 6:45).

[8]SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 8 out. 2026 (minutagem aprox.: 1:07:30 a 1:08:30).

[9]Idem, 8 out. 2026 (minutagem aprox.: 1:11:20).

[10]Idem, 8 out. 2026, em resposta a um superchat (minutagem aprox.: 1:23:40 a 1:24:10).

Primeira razão: 47% de quê?

A primeira razão é que a leitura do eleitorado está, a meu ver, superdimensionada. Os 47% de Flávio Bolsonaro não são 47% de brasileiros que entendem que "direita é Bolsonaro". São 47% de brasileiros que, naquele domingo, apertaram 22 — por motivos que vão muito além da adesão ao bolsonarismo.

Os números ajudam a enxergar isso. A última pesquisa Datafolha antes do pleito, feita entre 1º e 3 de outubro, mostrava Lula com 45% dos votos válidos e Flávio com 42%; Caiado tinha 4%, Renan e Cury 3% cada, e Zema 1%[11]. Compare com o resultado: Lula terminou exatamente onde as pesquisas o colocavam, enquanto Flávio saltou cinco pontos. De onde vieram esses cinco pontos? Caiado perdeu quase dois, Renan perdeu quase um, Zema praticamente desapareceu. Analistas ouvidos pela Agência Pública descreveram o fenômeno com clareza: houve migração de votos da direita para Flávio já no primeiro turno — movimento que costuma acontecer no segundo — e candidatos como Cury, Renan, Zema e Caiado "desidrataram"[12].

Essa migração não caiu do céu. Ela foi pedida. O próprio Flávio, semanas antes, apelava aos eleitores que não o tinham como primeira opção: "Considere votar em Flávio Bolsonaro já no primeiro turno para a gente resolver essa parada logo no primeiro turno"[13]. Na quinta-feira anterior à eleição, numa live ao lado do candidato, Pablo Marçal pediu publicamente que Caiado, Zema e Cury abandonassem suas candidaturas e apoiassem Flávio[14]. Empresários e influenciadores de grande alcance — Tallis Gomes entre eles — encamparam o mesmo discurso (em um debate onde, até então, nunca tinha visto o termo "matematicamente impossível" ser usado de forma tão equivocada)[15]. E havia estrutura para isso: o Intercept Brasil revelou, ainda em agosto, que um dos sites oficiais da campanha mantinha um programa de "criadores" com mais de duzentos influenciadores parceiros, que recebiam briefings semanais e material pronto, numa rede que alcançaria cerca de 50 milhões de pessoas[16].

Eu mesmo vi isso acontecer. Microinfluenciadores com 60 ou 100 mil seguidores publicando vídeos alarmistas — "vote no Flávio já no primeiro turno ou o PT ganha" — que alcançavam três milhões de visualizações e dezenas de milhares de comentários. Números sem nenhuma proporção com o tamanho daqueles perfis. Enquanto isso, a campanha de Renan foi, em grande medida, orgânica: participei de vários grupos de apoiadores do Partido Missão e vi o empenho de gente comum tentando convencer pais, tios e colegas de trabalho. O problema é que, quando esses pais e tios chegavam em casa e abriam o celular, eram bombardeados pela mensagem oposta.

---

[11] "Datafolha: Lula tem 45% dos votos válidos no 1º turno; Flávio, 42%". *CNN Brasil*, 3 out. 2026. Pesquisa contratada pela Folha de S.Paulo e pela TV Globo, registrada no TSE sob o nº BR-03669/2026.

[12] AUDI, Amanda. "Virada de Flávio no 1º turno: escândalos podem ter favorecido desejo antissistema". *Agência Pública*, 4 out. 2026 (análise do cientista político Leandro Torelli).

[13] "Flávio acelera voto útil para tentar ganhar no 1º turno". *Gazeta do Povo*, 21 set. 2026.
Vídeo de influencer "mudando" de Cury para Flavio em 03/10/2026 (https://www.instagram.com/p/DeCmxVmCTmD/);

[14] "Marçal pede que rivais desistam para apoiar Flávio". *Brasil em Folhas*, out. 2026. A live ocorreu na noite de 1º de outubro de 2026.

[15] DEBATE: O QUE É MELHOR PARA O BRASIL? BRIGADEIRO x TALLIS GOMES - Inteligência Ltda. Podcast #1925: https://www.youtube.com/watch?v=zIwRCVd6-v8

[16] LOBATO, Gisele; OLLIVEIRA, Cecília. "Flávio Bolsonaro oferece assessoria e faz influenciadores lucrarem com ataques a Lula". *Intercept Brasil*, 27 ago. 2026. A campanha classificou a reportagem como "fantasia".

Agora, pense comigo na aritmética de uma eleição em dois turnos. No primeiro turno, só vence quem obtém mais da metade dos votos válidos. Tirar um voto de Renan, Caiado ou Zema e dá-lo a Flávio não muda absolutamente nada no resultado — a não ser que esse voto seja justamente o que leva o candidato acima dos 50%. Com Flávio na casa dos 42% às vésperas da eleição, "resolver no primeiro turno" exigiria que cerca de três em cada quatro eleitores de todos os demais candidatos migrassem para ele. A migração foi grande, mas não chegou lá — e houve segundo turno, como era previsível. Ou seja: quem vendeu a urgência do voto útil ou estava profundamente enganado sobre o funcionamento da eleição, ou sabia muito bem o que estava fazendo. Como são pessoas inteligentes, tenho dificuldade em acreditar na primeira hipótese.

O que quero dizer com tudo isso? Que ter medo de o PT continuar no poder e, entre aspas, "tampar o nariz" para votar em Flávio não é o mesmo que entender que direita é Bolsonaro. É ceder a uma narrativa de medo — a mesma que descrevi no meu último artigo[17]. O próprio Renan descreve o eleitor de direita brasileiro como alguém que odeia "o PT especificamente, não políticas do PT"[18]. Antipetismo é uma posição eleitoral legítima. Mas antipetismo não é uma definição de direita. É a definição de um adversário.

Segunda razão: direita pura e simples

A segunda razão é conceitual. Não é razoável criar uma nova nomenclatura para um fenômeno que já está bem estabelecido.

Os termos "direita" e "esquerda" têm mais de dois séculos. Nasceram da disposição dos assentos na Assembleia francesa, em 1789, e desde então ganharam conteúdo próprio. Renan, aliás, faz a definição clássica com precisão: a direita como defesa de tradições e valores "por vezes transcendentes", desconfiança da mudança rápida e crença em hierarquias de valores. E, numa resposta a um espectador na mesma live, afirma sem rodeios: "Nós somos de direita num entendimento clássico daquilo que é direita. [...] Sim, nós somos de direita. Ponto."[19]

Para quem prefere uma ferramenta mais visual, existe o Diagrama de Nolan, proposto pelo libertário americano David Nolan em 1971[20]. Em vez de uma linha única entre esquerda e direita, ele usa dois eixos: liberdade econômica e liberdade pessoal. Quem defende mais liberdade econômica e mais ordem no campo dos costumes cai no quadrante da direita; o inverso, no da esquerda; quem defende as duas liberdades, no libertário; quem restringe as duas, no estatista. O diagrama tem seus críticos — há quem diga que faltaria um terceiro eixo, de liberdade política, e há quem aponte pautas que não cabem bem em nenhum dos dois eixos —, e eu mesmo não o tomo como dogma. Mas ele serve exatamente para o que precisamos aqui: localizar posições pelo que elas *defendem*, e não pelo que *gostam* ou por *quem* as chancela.

---

[17]GOMES, Marco Vinicius da Silva. *A Terra ~~Prometida~~ desacreditada*: um paradigma não é uma profecia. Out. 2026. https://www.missaoacervo.com.br/terra-prometida

[18]SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 5 out. 2026 (minutagem aprox.: 5:45 a 6:00).

[19]SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 8 out. 2026 (minutagens aprox.: 9:00 a 9:30 e 34:10).

[20]NOLAN, David. "Classifying and Analyzing Politico-Economic Systems". *The Individualist*, jan. 1971. Sobre as críticas ao diagrama (entre elas, a proposta de um terceiro eixo, de liberdade política, feita por Kelley L. Ross), ver o verbete "Nolan Chart" da Wikipédia em inglês.

E aqui está um ponto curioso. Quando Renan descreve o eleitor de direita brasileiro, diz que ele "quer um regime trabalhista, fiscal e previdenciário para ele", "quer muita CLT", "quer privilégios dentro da máquina pública"[21]. Pelo critério de Nolan, esse eleitor sequer estaria à direita no eixo econômico! O que o une ao campo é o antipetismo e a afeição pela família Bolsonaro. Ou seja: aquilo que Renan chama de definição brasileira de direita não é, propriamente, uma definição de direita — é a descrição de um pertencimento.

C. S. Lewis enfrentou um problema parecido no prefácio de *Cristianismo Puro e Simples*. Quando o acusaram de arrogância por definir quem era e quem não era cristão, ele respondeu contando a história de outra palavra:

> *"Originalmente, a palavra* gentleman *tinha um significado evidente: o gentil-homem exibia um brasão e era senhor de terras. Quando dizíamos que alguém era um* gentleman*, não lhe estávamos fazendo um elogio, mas simplesmente reconhecendo um fato. [...] Então, certas pessoas começaram a afirmar [...]: 'Ah, mas o que faz um* gentleman *não são as terras nem o brasão; é o saber comportar-se.' [...] A intenção dessas pessoas era boa. [...] Porém, não é a mesma coisa. Pior, é uma coisa sobre cuja definição as pessoas jamais chegarão a um acordo. [...] Quando uma palavra deixa de ter valor descritivo e passa a ser um mero elogio, ela não nos esclarece sobre o objeto, só denota o conceito que o falante tem dele. [...] O resultado é que hoje* gentleman *é uma palavra inútil."*[22]

Perceba que o fenômeno que Renan descreve é exatamente esse. "Direita", no uso bolsonarista, deixou de descrever um conjunto de ideias e passou a funcionar como selo de pertencimento: é de direita quem gosta do Bolsonaro; quem não gosta, "não é de direita". A palavra virou elogio para os de dentro e insulto para os de fora — e, como Lewis previu, ficou inútil para descrever qualquer coisa. Ceder a esse uso, abandonar a palavra e procurar outra não resolve o problema; apenas ratifica a deturpação.

Lewis também aponta a saída. Devemos nos ater ao sentido original e óbvio da palavra, diz ele, e completa: "Quando um sujeito segue uma vida indigna da doutrina cristã que professa, é muito mais claro dizer que se trata de um mau cristão do que chamá-lo de não-cristão"[23]. Trazendo para a política: pode haver direitistas corruptos, incoerentes, sem projeto — e Renan os denunciou com coragem durante anos. Eles continuam sendo de direita. São, talvez, *maus* representantes da direita. Mas a resposta a uma direita ruim não é deixar de ser direita; é ser uma direita melhor.

Isso também me protege de uma objeção que o próprio Renan antecipou. Ele lembra que a estratégia do "eu sou mais de direita do que você" não funciona — e compara com os trotskistas, que passaram a vida dizendo ser a "verdadeira esquerda"[24]. Concordo plenamente. Mas não é isso que estou propondo. Não estou dizendo que o Missão é a "verdadeira direita" e os

---

[21]SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 5 out. 2026 (minutagem aprox.: 5:45 a 6:10).

[22]LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. Trad. Álvaro Oppermann e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Prefácio. P.7

[23]Ibidem.

[24]SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 8 out. 2026 (minutagem aprox.: 1:25:40 a 1:26:10).

bolsonaristas são a falsa — isso seria cair justamente no sentido "refinado" que Lewis condena. Estou dizendo o contrário: bolsonaristas são de direita, e quem não é bolsonarista também pode ser. A palavra é descritiva; não é um troféu.

Lewis tem uma imagem bonita para isso. Ele compara o cristianismo "puro e simples" a um saguão de entrada, a partir do qual se abrem as portas para os vários cômodos da casa — as diversas denominações[25]. Penso que a direita pura e simples pode ser vista do mesmo modo: um saguão de onde se abrem portas para conservadores, liberais, libertários, nacionalistas — e bolsonaristas. Ninguém precisa morar no cômodo bolsonarista para estar dentro da casa.

O limite da analogia

Antes de seguir, preciso fazer uma ressalva, porque daqui em diante vou recorrer bastante a exemplos do cristianismo e não quero ser mal compreendido.

Não estou comparando o meu apego ao rótulo "direita" com o apego de um cristão ao nome "cristão". Não há comparação possível. Se eu tivesse de escolher entre deixar de ser reconhecido como alguém de direita e deixar de ser reconhecido como cristão, abandonaria o espectro da direita sem pensar duas vezes. Como escrevi no meu último artigo, a minha esperança não está em Brasília[26]. Política é coisa penúltima.

Portanto, não faço aqui uma defesa dogmática de ser de direita. A analogia que vou usar não é sobre o *peso* das duas identidades, mas sobre a *linguagem*: sobre como movimentos maduros lidaram com o problema de ter o próprio nome sequestrado, deturpado ou caricaturado — e por que nenhum deles resolveu esse problema inventando um nome novo.

Terceira razão: um dilema que já foi resolvido

A terceira razão é que Renan está, a meu ver, se debruçando sobre um dilema que outros movimentos já enfrentaram — e já resolveram.

Pense no cristianismo. Ao longo de dois mil anos surgiram inúmeras vertentes, e algumas se afastaram tanto dos fundamentos que passaram a ser reconhecidas como seitas. Mas há critérios. A fé na Trindade, na divindade e na humanidade de Cristo, por exemplo, une católicos, ortodoxos e protestantes; a doutrina da justificação pela fé, por sua vez, separa católicos de protestantes. Há um núcleo comum e há fronteiras internas — e ninguém precisou inventar um nome novo para isso. Lewis, que era anglicano, fez questão de submeter seus originais a um clérigo anglicano, a um católico, a um metodista e a um presbiteriano, e concluiu que, uma vez retiradas as questões em disputa, o que resta não é "um vago e minguado Máximo Divisor Comum", mas "algo positivo, pleno e tocante"[27].

Aqui no Brasil, mesmo com todas as nossas deficiências educacionais, a população consegue, dentro de suas limitações, distinguir uma igreja evangélica de uma seita. É claro que há zonas cinzentas — sobretudo em relação a movimentos muito novos, que cresceram muito rápido,

[25] LEWIS, op. cit., Prefácio.

[26] GOMES, op. cit.

[27] LEWIS, op. cit., Prefácio.

como boa parte do neopentecostalismo. Mas, dentro de igrejas históricas, como a Presbiteriana, ou de igrejas batistas mais apegadas às suas confissões de fé, essa distinção é feita com bastante clareza para os membros.

Augustus Nicodemus dedicou dois livros a mapear esse território. Em *O que estão fazendo com a Igreja* e em *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja*, ele descreve, com nome e sobrenome, liberais, neo-ortodoxos, libertinos, neopentecostais, fundamentalistas e neopuritanos[28]. Critica duramente vários desses grupos — mas em nenhum momento sugere que os reformados deveriam abandonar o termo "evangélico" para não serem confundidos com eles.

Pelo contrário. Num dos textos de *O ateísmo cristão*, Nicodemus (no capítulo 4, denominado "Novos Evangélicos?") comenta uma reportagem de capa da revista *Época* que chamava de "novos evangélicos" justamente os grupos que reagiam aos abusos neopentecostais. A resposta dele merece ser lida com atenção, porque parece ter sido escrita para o nosso debate (Esse artigo é tão emblemático para nosso debate que estará transcrito, na íntegra, no apêndice):

> *"Eu não me considero um 'novo evangélico', e sim um bem antigo, com raízes históricas na Reforma do século 16 e raízes teológicas nas Escrituras Sagradas. [...] Essas seitas é que chegaram ontem. Todavia, entendo o autor. Esses grupos neopentecostais cresceram tanto e influenciaram tanto a mídia e a opinião pública que viraram o padrão. Eles é que seriam 'os evangélicos'. E quem não é como eles e quer mudanças é visto como o novo, a novidade. [...] Mas, convenhamos, considerar episcopais, presbiterianos, batistas e assembleianos 'novos evangélicos' é passar recibo para a pretensão desses grupos sectários de serem igreja evangélica legítima."*[29]

Troque "neopentecostais" por "bolsonarismo" e "evangélico" por "direita", e você terá o meu argumento inteiro. O bolsonarismo cresceu tanto e influenciou tanto as redes que "virou o padrão". Ele é que seria "a direita". E quem não é como ele é visto como outra coisa. Abrir mão do termo, nas palavras de Nicodemus, é *passar recibo*.

Repare, aliás, que a descrição de Nicodemus coincide com a de Renan: os neopentecostais "viraram o padrão", assim como, para Renan, o bolsonarismo ocupa o "centro da indústria cultural" e é a "norma". O diagnóstico é o mesmo. A diferença está na resposta. Os reformados não deixaram de se chamar evangélicos; continuaram sendo o que eram e passaram a explicar a diferença.

Do lado de fora, eu sei, a caricatura do evangélico brasileiro talvez seja a de algum televangelista famoso, e não a de um Augusto Nicodemus ou de um Hernandes Dias Lopes. Nem por isso um cristão reformado convicto pensa em abandonar o rótulo. A caricatura é um problema de comunicação, não de identidade.

E o dilema não foi resolvido só na religião. Pense no rock. Qualquer pessoa — mesmo quem não é especialista — reconhece que Beatles, Jimi Hendrix, Nirvana e CPM 22 são rock, embora

---

[28]NICODEMUS, Augustus. *O que estão fazendo com a Igreja*: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008; NICODEMUS, Augustus. *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

[29]NICODEMUS, *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja*, cap. "Novos evangélicos?". P27-28.

sejam estilos muito diferentes. O próprio Renan usou o rock como exemplo numa de suas lives: o Nirvana representava a "margem", o rock alternativo, enquanto o Guns N' Roses era o "centro", o *mainstream*; e, no começo dos anos 1990, a margem virou o centro[30]. Mas note: o Nirvana nunca precisou dizer que não fazia rock para se diferenciar do Guns. Ele se tornou o centro *dentro* do rock. E os Beatles, no exemplo do próprio Renan, saíram do centro para a margem e expandiram o que era possível — sem deixar de ser a maior banda de rock da história.

Por fim, a gilete. Concordo com Renan que no Brasil se chama barbeador de gilete, esponja de aço de bombril e amido de milho de maisena. Mas veja o que essa analogia de fato mostra: quando uma marca vira o nome genérico, ninguém conclui que os produtos concorrentes deixaram de pertencer à categoria. Ninguém diz que um barbeador de outra marca "não é barbeador". E nenhum concorrente da Bombril, para se diferenciar, passou a vender seu produto como "dispositivo abrasivo metálico". Ele continua vendendo esponja de aço — e tentando ser uma esponja de aço melhor. A categoria continua existindo; a disputa acontece dentro dela.

A bolha antes do algoritmo

Há ainda um ponto que considero importante e que talvez ajude a explicar por que Renan chegou à conclusão a que chegou.

Sou adepto da tese dos "avatares digitais", que Renan desenvolveu com muita profundidade[31]: a ideia de que, cada vez mais, nossa vida concreta é determinada pela representação que construímos nas redes, e de que os algoritmos nos fecham em bolhas que se validam a si mesmas. Concordo com quase tudo. Mas me parece que Renan tem dado a essa tese um peso explicativo maior do que ela suporta. Numa das lives, ele afirma que "antes das redes sociais não havia isso" e lembra que, na universidade pública dos anos 2000, todo mundo bebia cerveja junto, de esquerda e de direita[32].

Acontece que o "embolhamento" político no Brasil — a monopolização das "virtudes" por um lado e a demonização do outro — é anterior aos algoritmos. Basta lembrar que, depois da redemocratização, praticamente nenhum político brasileiro aceitava ser chamado de direita. O cientista político Timothy Power cunhou para isso a expressão "direita envergonhada": parlamentares de origem claramente conservadora se apresentavam como "centro", porque o termo direita havia se tornado um estigma[33]. Isso antes de existir um *feed*.

E o discurso do "nós contra eles" também não nasceu no TikTok. Em 2009, quando o Facebook ainda era coadjuvante no Brasil — ele só ultrapassou o Orkut em agosto de 2011[34] —, o então presidente Lula já defendia que a eleição de 2010 fosse um plebiscito: "nós contra eles, pão, pão,

[30]SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 8 out. 2026 (minutagem aprox.: 17:00 a 19:30).

[31]SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 6 out. 2026 (minutagem aprox.: 20:00 a 28:00).

[32]Idem (minutagem aprox.: 27:45 a 28:00).

[33]POWER, Timothy J. *The Political Right in Postauthoritarian Brazil*: elites, institutions, and democratization. University Park: Penn State University Press, 2000. Ver também QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MADEIRA, Rafael Machado. "Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil". *Opinião Pública*, Campinas, v. 24, n. 3, 2018.

[34]"Facebook passa Orkut no Brasil com 30 milhões de usuários". *Jornal do Brasil*, 5 set. 2011 (dados do Ibope Nielsen Online).

queijo, queijo"[35]. O sentimento estava tão estabelecido que Jair Bolsonaro, na noite de sua vitória em 2018, prometeu governar "sem eles contra nós ou nós contra eles"[36]. Sei bem que, no fim das contas, o "nós contra eles" só se intensificou. Mas é nítido que a tentativa de instalar um sentimento sectário — de tratar a própria posição como sinônimo de virtude e a do adversário como sinônimo de vício — já existia antes de qualquer algoritmo.

Os algoritmos não criaram a bolha; eles a turbinaram. E isso importa para o nosso debate, porque mostra que o sequestro de palavras é um expediente antigo. A esquerda passou décadas transformando "democrata", "progressista" e "social" em elogios, e "direita" em insulto — exatamente o fenômeno do *gentleman* de Lewis. O bolsonarismo agora faz o movimento espelhado: transforma "direita" em selo de pertencimento. A resposta adequada às duas deturpações é a mesma: voltar ao sentido descritivo da palavra.

Há uma ironia nisso tudo. Segundo o cientista político Leonardo Avritzer, a "direita envergonhada" começou a acabar por volta de 2013, com o surgimento do MBL e de outros movimentos da nova direita[37]. Ou seja: o próprio MBL foi protagonista na tarefa de devolver aos brasileiros o direito de se dizerem de direita sem vergonha. Abandonar o termo agora seria, de certo modo, desfazer a própria obra (e uma boa parte da obra).

O exemplo presbiteriano

Se não é razoável abandonar o termo, o que fazer? Aqui, não consigo deixar de pensar na minha própria denominação.

A Igreja Presbiteriana do Brasil é minoritária entre as denominações evangélicas. Não é a maior, não é a que mais cresce, não é a mais midiática. E, no entanto, é respeitada pelos de dentro e pelos de fora. Fundou a Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde se formam teólogos de diversas denominações; tem uma editora, a Cultura Cristã, que publica material teológico usado muito além dos seus muros; e sua forma de governo e seus documentos constitucionais servem, não raro, de referência para outras igrejas. Quando alguém busca seriedade teológica, é comum que vá bater à porta de alguma instituição presbiteriana. Não é uma igreja livre de escândalos — nenhuma é —, mas está, a meu ver, entre as que menos se envolvem neles.

E a Presbiteriana nunca precisou deixar de se chamar evangélica, protestante ou cristã para ser reconhecida como diferente. Ela é reconhecida como cristã, de matriz reformada e, por isso mesmo, distinta de outros tipos de igreja. A distinção vem do adjetivo, não da troca do substantivo.

Penso que esse é um modelo possível para o Partido Missão. Ele não precisa ser o maior partido da direita, nem disputar o "centro da indústria cultural" com quem domina a linguagem do funk, do sertanejo e da sobremesa de leite Ninho. Pode ser a referência de seriedade — o lugar aonde se vai quando se quer uma proposta formulada, um diagnóstico honesto, um projeto

[35]"'Nós contra eles': 10 vezes em que Lula e o PT estimularam a divisão da sociedade". *Gazeta do Povo*, 31 ago. 2022. [CONFERIR a fonte primária da declaração de 2009.]

[36]"Eleito, Bolsonaro diz que vai unir e 'pacificar' o País". *Terra* (Estadão Conteúdo), 28 out. 2018. (https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/eleito-bolsonaro-diz-que-vai-unir-e-pacificar-o-pais,11726d0331b90b094ef9ca1168dcb963f8u4j2uo.html)

[37]AVRITZER, Leonardo. O pêndulo da democracia. São Paulo: Todavia, 2019.

de país. Pode ser, por assim dizer, a "presbiteriana da direita" (- tá bom, essa frase pode ser interpretada como arrogância, mas não é rs).

Nesse sentido, o termo "soberanista" que Renan propõe me parece excelente — desde que funcione como adjetivo, e não como substituto. "Reformado" e "presbiteriano" especificam o que significa, para mim, ser cristão; não me tiram o nome de cristão. Do mesmo modo, uma "direita soberanista" diz muito mais, e com muito mais clareza, do que um "soberanismo" que o eleitor não sabe onde situar.

Ainda estou aqui

Volto a Eunice Paiva. Aos 47 anos, depois de tudo o que viveu, ela decidiu estudar Direito — e se formou, em 1978, justamente na Universidade Presbiteriana Mackenzie[38]. Tornou-se advogada, dedicou-se à causa indígena e passou o resto da vida lutando para que as coisas fossem chamadas pelos seus nomes. Não aceitou a versão oficial de que o marido teria sido levado por "terroristas". Não aceitou o nome que outros quiseram dar ao que aconteceu. Permaneceu.

Guardadas todas as proporções — e elas são enormes —, é isso que defendo aqui. Não abandonar uma palavra porque outros a sequestraram; não inventar um nome novo para um fenômeno já bem estabelecido; não passar recibo. Continuar explicando, com paciência, o que a palavra significa.

Por isso, depois de um primeiro turno em que o medo falou mais alto, quero dizer, sem dogmatismo e sem idolatria, mas com convicção: ainda estou aqui - Na direita.

[38] "Eunice Paiva se registrou na OAB em 1979; veja cadastro da advogada". *Migalhas*, 5 mar. 2025. A colação de grau foi em 6 de janeiro de 1978.

Apêndice (Capítulo 04 do Livro – O ateísmo cristão e outras ameaças à igreja)

Novos evangélicos?

Um número da revista Época de agosto de 2010 trouxe reportagem de capa sobre a reação de diversos segmentos da igreja evangélica ao que se convencionou chamar no Brasil de "evangélicos", especialmente após o crescimento das igrejas neopentecostais. A manchete era "Os novos evangélicos", e a capa trazia a ilustração de um grande monumento religioso em construção, talvez em referência à réplica do templo de Salomão que está sendo erguida pela Igreja Universal do Reino de Deus em São Paulo.

A reportagem representa um avanço na maneira em que a mídia em geral trata os evangélicos, como se fossem todos farinha do mesmo saco. E farinha imprestável. Reunindo depoimentos de líderes evangélicos de diversos segmentos (incluiu um sociólogo ateu), o jornalista Ricardo Alexandre mostrou como todos eles concordam em dois pontos: rejeição às doutrinas e práticas das igrejas neopentecostais e desejo por uma mudança profunda nos atuais rumos da igreja evangélica brasileira.

Nesse assunto, nada a reparar. De fato, de pentecostais a episcopais, reações contrárias a essas igrejas, consideradas seitas por algumas denominações históricas, têm sido veiculadas abertamente por meio de blogs e livros. Já estava na hora da grande mídia ouvi-las e entender que nem todos que fazem reuniões onde o nome de Cristo é citado são necessariamente evangélicos ou mesmo cristãos.

Eu só fiquei um pouco desconfortável com dois ou três pontos da matéria que cito aqui. Estou à vontade para isso, uma vez que meu nome foi mencionado no artigo, ainda que de raspão.

1. Achei que a chamada de capa é um equívoco histórico, pois "novos evangélicos" se aplica mais exatamente a grupos como a IURD, Renascer e Igreja Mundial, e não àqueles que reagem a tais grupos. Eu não me considero um "novo evangélico", e sim um bem antigo, com raízes históricas na Reforma do século 16 e raízes teológicas nas Escrituras Sagradas. Não há nada de "novo" em nosso desejo de ver o antigo evangelho ser pregado corretamente em nossa pátria. Essas seitas é que chegaram ontem. Todavia, entendo o autor. Esses grupos neopentecostais cresceram tanto e influenciaram tanto a mídia e a opinião pública que viraram o padrão. Eles é que seriam "os evangélicos". E quem não é como eles e quer mudanças é visto como o novo, a novidade.

   Em certo sentido, foi o que aconteceu na Reforma. Os reformadores foram acusados pelos papistas de trazerem "novidades" à Igreja, ao pregarem que a justificação era pela fé somente. Lutero e Calvino retrucaram que estavam pregando as antigas doutrinas da graça, encontradas nos pais da Igreja e nos ensinos de Cristo e de Paulo. Eu entendo que para uma igreja como a de Roma, com vários séculos de existência, os protestantes pareciam nova seita. Mas, convenhamos, considerar episcopais, presbiterianos, batistas e assembleianos "novos evangélicos" é passar recibo para a pretensão desses grupos sectários de serem igreja evangélica legítima.

2. Também achei que pode ter ficado a impressão para leitores menos avisados de que os reacionários estão unidos entre si e que se aceitam mutuamente sem problemas. Antes fosse. Mas nem sempre o inimigo do meu inimigo é meu aliado. Eu entendo que um dos principais focos da reportagem são as igrejas da prosperidade. Contudo, não posso deixar de ressaltar que aqueles que se levantam contra os abusos dessas seitas não são necessariamente aliados entre si. Na verdade, pode haver entre eles diferenças tão abissais como a que existe entre eles e as seitas da prosperidade.
3. Denunciar o erro dos outros não nos absolve dos nossos. Se, por um lado, as seitas neopentecostais espalham um falso evangelho deformado pela teologia da prosperidade, por outro há os que também propagam um evangelho distorcido pelo liberalismo teológico e por heresias antigas. As seitas da prosperidade acabaram sendo demonizadas como a própria encarnação do antievangelho, a ponto de, conforme a reportagem de Época, se fazer necessária uma nova Reforma. Não discordo desse ponto, apenas considero que o enfoque nele acaba desviando a atenção de outras linhas de pensamento dentro dos arraiais cristãos que são tão prejudiciais quanto a teologia da prosperidade e que igualmente clamam por uma reforma.

   Por exemplo: e aqueles que destroem a fé em Jesus Cristo e nos padrões morais do cristianismo? A mídia fica indignada com o mercenarismo dos pastores dessas seitas, mas aplaude os evangélicos que defendem o casamento gay, o aborto, a teoria da evolução contra o relato da criação, o relativismo moral, o sexo livre e o ecumenismo com todas as religiões. A mídia não consegue enxergar que o liberalismo teológico e a teologia da prosperidade são irmãos gêmeos e hipocritamente aplaude um e condena o outro.

   Não me entendam mal. A reportagem está correta. É preciso deixar claro que esses grupos neopentecostais estão deturpando o evangelho de Cristo. Porém, é tendenciosa ao retratar os neopentecostais como a raiz de todos os males no meio evangélico, esquecendo o dano feito pelos liberais, pelos defensores de outro deus e pelos libertinos.
4. Por último, acho que faltou mencionar que os chamados "novos evangélicos" concordam apenas que é preciso uma mudança, mas discordam entre si quanto ao modelo de igreja que deve ocupar o lugar dessas seitas. A Reforma do século 16, em que pesem as diferenças entre os reformadores principais, tinha uma mensagem relativamente uniforme e praticava um modelo de igreja que era basicamente igual. É só comparar as confissões de fé escritas por presbiterianos, batistas, episcopais, congregacionais e independentes, para verificar esse ponto. Já os tais "novos evangélicos"… bem, há entre eles desde os "desigrejados" — que desistiram completamente de qualquer coisa que se pareça com uma igreja —, até aqueles que desejam apenas expurgar o modelo tradicional de igreja dos acréscimos indevidos em sua doutrina, culto e prática, mantendo a pregação, o batismo e a ceia, além do exercício da disciplina para os membros faltosos.

   E no meio ainda temos os emergentes, as igrejas em células sem liderança oficial, igrejas com liturgia inclusiva e por aí vai.

É aquela velha história... Grupos contrários se unem contra um inimigo comum e, após vencê-lo, começam a brigar entre si. A luta comum contra as igrejas da teologia da prosperidade está

longe de representar uma nova Reforma. Quando esta luta terminar — se é que vai terminar um dia —, teremos de continuar a outra, mais antiga, que é contra o liberalismo teológico fundamentalista, o relativismo moral, o pluralismo inclusivista e o libertinismo que assolam os evangélicos no Brasil muito antes de Edir Macedo abrir seu primeiro templo. Para mim, essas coisas são até mais perniciosas, pois, enquanto as seitas neopentecostais criam igrejas e comunidades próprias, os liberais se infiltram nas estruturas e igrejas criadas por conservadores e drenam seu vigor até deixar somente a carcaça.

Objeções e tréplicas

Como Renan ainda está pensando sobre o assunto, acho justo enfrentar as melhores objeções à minha tese. Algumas foram feitas por ele mesmo nas lives; outras imagino que um leitor atento faria. (A objeção do "trotskismo" já tratei no corpo do texto.)

Objeção 1: "O eleitor não quer aula; o limite não precisa de base teórica." Renan afirma que a fronteira da direita bolsonarista "não precisa de base teórica para ser imposta" e que "não adianta eu ficar explicando pra pessoa o que é direita"[39].

Tréplica: Concordo que o limite é imposto sem teoria. Mas isso vale para qualquer nome novo também. Se não adianta explicar o que é direita, tampouco adiantará explicar o que é "soberanista" — com a diferença de que "direita" o eleitor já sabe situar, e "soberanista" ele terá de aprender do zero. Trocar de nome não elimina o custo de explicar; aumenta-o. Além disso, o argumento confunde dois prazos: o do mercado eleitoral imediato — em que Renan tem razão, não se convence ninguém em três semanas de segundo turno — e o da formação de uma tradição política, que é o prazo de um partido que pretende existir daqui a vinte anos. A Presbiteriana nunca convenceu a massa evangélica de sua teologia; mas também não precisou de outro nome para continuar existindo e sendo respeitada.

Objeção 2: "Direita significa coisas diferentes em cada país." Para Renan, "um direitista na França não tem nada a ver com direitista nos Estados Unidos"[40].

Tréplica: É verdade — e é justamente por isso que a palavra funciona como gênero. Católicos, ortodoxos e protestantes também diferem muito entre si; o rock dos Beatles e o do CPM 22 também. Variação dentro de uma categoria não dissolve a categoria; apenas exige adjetivos. Se o argumento valesse, teríamos de abandonar também "esquerda", "liberal" e "conservador".

Objeção 3: "Ser mais à direita é estar mais no PL." Quando um espectador escreveu que a confusão entre direita e bolsonarismo era recente e não perduraria, Renan respondeu: "ser mais à direita é estar mais ainda no PL, é estar mais ainda com o endosso do Nicolas, estar mais ainda gostando do Jair"[41].

Tréplica: Essa é a melhor ilustração do problema descrito por Lewis. Se "mais à direita" passa a significar "mais leal a uma família", a palavra deixou de medir ideias e passou a medir fidelidade. Aceitar essa régua é aceitar que alguém que defende reformas pró-mercado, segurança pública e valores tradicionais seja "menos de direita" do que alguém que quer "muita CLT", mas tem foto com o Jair. Não proponho disputar quem é *mais* de direita. Proponho recusar a régua.

Objeção 4: "Insistir no rótulo é comprar briga com o eleitor bolsonarista."

Tréplica: Disputar um nome é uma coisa; não abrir mão dele é outra. Não proponho nenhuma campanha para provar a ninguém que somos de direita — proponho apenas não renunciar. E a renúncia, longe de evitar a briga, entrega munição. O próprio Renan relatou que bolsonaristas já recortam trechos das lives para dizer que ele é de esquerda, e que "o maior posicionamento de

[39] SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 8 out. 2026 (minutagens aprox.: 32:41 e 35:32).

[40] SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 5 out. 2026 (minutagem aprox.: 13:35).

[41] SANTOS, Renan. *Análise Renais*, 8 out. 2026 (minutagem aprox.: 1:24:49).

esquerda nosso é falar que a gente não é favorável ao Bolsonaro"[42]. Imagine o recorte de "nós não somos de direita". Ele circulará justamente nas bolhas que se quer evitar, com a legenda pronta.

Objeção 5: "O rótulo afasta o público novo." Renan comemora que "milhões de pessoas que não são de direita estão descobrindo a gente agora"[43].

Tréplica: É a objeção mais séria, e entendo a preocupação. Mas o modelo presbiteriano responde a ela: a IPB atrai gente de outras tradições pela seriedade, não por esconder que é cristã e reformada. A credibilidade com um público novo vem da transparência. Quem chega de fora e só depois descobre que o partido "soberanista" tem, afinal, valores claramente de direita tende a se sentir enganado — e a esquerda não perderá a chance de falar em "direita disfarçada". Além disso, o espaço de convivência que Renan propõe, "do Casé e do Chico Moedas ao Danilo Gentili e ao Léo Lins", é um espaço de civilidade, não de indefinição. Ele mesmo conta que, nos tempos de faculdade, ajudou a divulgar um debate entre Olavo de Carvalho e um professor de esquerda[44]. Ninguém precisou esconder de que lado estava para que o debate acontecesse; a conversa foi possível justamente porque cada um sabia onde o outro estava.

Objeção 6: "Afinal, é só um nome. Por que tanto apego?" É a objeção que eu mesmo me faço.

Tréplica: Porque nomes carregam informação. Já disse que não faço defesa dogmática da palavra, e há coisas muito mais importantes do que ela. Mas um partido existe também para oferecer ao eleitor uma coordenada: dizer onde está no mapa. Quando um termo com mais de dois séculos de uso deixa de servir para isso, quem perde não é o partido — é o debate público, que fica sem palavras para distinguir ideias de lealdades. Abrir mão da palavra é aceitar que ela sirva apenas para elogiar e insultar. Lewis chamou isso de tornar uma palavra inútil.

[42] Idem, 8 out. 2026 (minutagem aprox.: 1:07:02 a 1:07:30).

[43] Idem, 8 out. 2026 (minutagem aprox.: 1:21:03).

[44] Idem, 8 out. 2026 (minutagem aprox.: 1:20:20).